



A BORBOLETA.

PERIODICO MISCELANICO.

Util, bella, e agradavel,
A borboleta hade ser,
Os seus leitores verão,
Si olhos tiverem para vêr.

3.972
52

Quinta feira 5 de Setembro de 1844.



Publica-se quatro vezes no mez na Typographia de J. E. S. Cabral, rua do Hospicio n.º 66. Subscreve-se a 700 rs. mensaes, 2\$000 rs. por trimestre, e 4\$000 rs. por 6 mezes, nas casas dos Snrs. A. F. Guimarães rua do Sabão n.º 26, e Sabatier, Ouvidor n.º 31. Numero avulso 200 rs.

SCIENCIAS SOCIAES.

Trinta e quatro annos se tem passado, depois que hum homem de genio extraordinario ensinou aos homens uma sciencia nova, que deve assegurar ao mundo o reinado da felicidade e da harmonia.

Este homem, é Carlos Fourier.

Fourier, forçado a trabalhar para assegurar sua existencia, consagra todos os momentos livres a examinar as feridas de nossa sociedade. Elle perguntava muitas vezes a si, si a *desgraça* era partilha do genero humano, e, depois de peniveis observações, de longos estudos, elle chegou a descobrir a chave do enigma, o fim da criação.

Sua theoria, é tão clara, tão bem-faseja, tão nova, e tão opposta as idéas recebidas, que parece que Deos muito

tempo desconhecido e ultrajado pelos falsos sabios e falsos moralistas, escolheu Carlos Fourier para rehabilitar sua gloria, provar sua sabedoria e sua justiça.

Seus discipulos, guiados por um louvavel zelo, desejosos de accelerar o triumpho da theoria de seu mestre, levaram seus trabalhos aos philosophos, aos ricos, e aos reis da terra.

Elles disiam aos pretendidos sabios:
» Philosophos, vós vos tendes enganado; vossas bibliotecas com vossos
» 300,000 volumes, são deposito de falsidade e de trevas. Rejeitai estes
» livros, que enganam e entristecem
» o genero humano. Estudai a sciencia social, cujo triumpho assegura
» a felicidade a todos em geral, e a nossa em particular.

Os philosophos não prestaram at-

tenção á suas palavras, e não quiseram crer a verdade de uma theoria que provava sua ignorancia.

Então os discipulos voltaram suas vistas para os ricos e lhes prometteram augmentar suas fortunas, quadruplicar seus interesses, variar e multiplicar seus praseres.

Mas os ricos, satisfeitos de suas posições, não se deram ao trabalho de estudar uma sciencia nova, que os philosophos tacharam de *impossivel*.

Emfim os discipulos, desencorajados se dirigiram aos reis da terra:

» Imperadores, Reis, Principes, di-
» siam elles, vós que estais expostos
» ao odio de nossos numerosos ini-
» migos, o punhal das revoltas vos
» ameaça. Estudai a theoria de Carlos
» Fourier, ponde-a em practica; as
» conspirações cessarão, e não haverão
» nem desordens, nem revoluções.
» Aquelles que vos odêam vos ama-
» rão. Vós e vossos descendentes rei-
» nareis com segurança, gloria, e fe-
» licidade.

Mas os Reis não escutaram.

O mal augmenta. Ao lado de immensas riquezas, a miseria decima os pobres; no meio dos campos ferteis, a fome tortura a sete oitavos da população; não obstante leis severas, o numero dos crimes se augmenta: o desespero se apodera dos operarios sem pão, e sem trabalho, e nenhuma voz se eleva para consolar os que soffrem.

Os discipulos de Fourier batem ás portas dos poderosos, e estas portas não se abrem; elles esquecem os desgraçados, que tem necessidade de suas palavras vivificantes.

Os livros da sciencia social, caros como são, não podem penetrar as choupanas dos pobres.

E quando a verdadeira sciencia lhes escapa, os falsos prophetas, os amigos ignorantes, lhes estendem a mão. Porém, não conhecendo a verdadeira estrada da salvação, elles pregam o odio, a revolta e a destruição. Em lugar de combater a miseria, elles maldizem as riquezas; em lugar de pedir á fertil terra seus productos abundantes, elles desejam a guerra e a devastação; em lugar de associar, de harmonisar, elles desejam, e preparam a lucta e anarchia.

O' vós todos, que com suor de vossos rostos, ganhais o pão que vos nutre, não escuteis aquelles que sabem destruir, e não sabem edificar.

A abundancia não sabirá das ruinas.

Não escuteis aquelles que tomam a terra por um valle de lagrimas, um degredo maldito.

Elles blasfemam contra Deos, que toma cuidado do menor passaro, e do mais vil insecto.

Não escuteis aquelles que vos mettem armas na mão, porque não é com armas, mas com vossos trabalhos que deveis enriquecer e conquistar o globo.

Escutai-nos, nós vos mostraremos um novo mundo, queremos indicar-vos o caminho da salvação!

Quem sois vós? nos perguntarão, quem vos deu o direito de vos julgardes mais sabio, e melhor que os outros? Oh! caros amigos, bons irmãos, não é a confiança em nossas forças que nos guia, é a sciencia do mestre que nos dá este atrevimento

Elle soffria como vós soffreis, elle trabalhava como vós para conservar sua penivel existencia, elle tambem foi victima da sociedade que vos calca.

Temos consagrado cinco annos a estudar a sciencia que elle descobriu, é seu genio que nos inspira.

Um dia ... ha mais de quarenta annos, nas immedições de Paris se reuniram os obreiros sem trabalho, a raiva brillava nos seus olhos, o desespero estampava-se nos seus rostos.

A noite aproximava-se, e não oustavam voltar a suas casas, onde seus filhos esperavam a nutrição ordinaria, nutrição que não podiam levar.

Uns se queriam lançar no Sena, outros blasfemavam contra Deus; outros batiam na testa, rangiam os dentes, e choravam.

«Irmãos, até quando soffreremos?» exclama um Jacobino, bello e forte; suas roupas não eram elegantes, porém proprias: o fogo do enthusiasmo animava seus olhos; seu rosto era palido e severo; mas palavras eloquentes partiam do coração:

» Olhai, disia elle, quando nós morremos á fome, os ricos se divertem
» Vedes aquellas mil bogias que brillham nas Tulherias; ouvis aquella
» musica, aquellas danças? — E' nosso suor que os faz viver; é nosso trabalho que os enche de ouro. Levantemo-nos, quebrems nossas cadeas, destruamos os tiranos. Sobre as ruinas da aristocracia, fundemos o reinado da igualdade. A's armas! viva a republica! — Morte aos tiranos! viva a republica!» responderam os obreiros sem trabalho —

«Esperai!» exclama um velho cujos cabellos brancos cahiam sobre seu rosto sombrio; onde se divisavam rugas numerosas; procedidas de longos estudos: seu corpo era curvo pelas fadigas e adversidades; seu peito fraco deixava apenas ouvir suas palavras conciliadoras.

«Que quereis fazer, imprudentes?» disia elle; os ricos são vossos irmãos; «immolando-os, não vos tornareis

« mais ricos, nem mais felises! Estais enganados: queimar, destruir, vós que não sabeis nem fundar nem conservar! Vós arrancareis alguns homens para dar lugar a novos, e ficareis sempre escravos da miseria e da ignorancia. Escutai-me; quero-vos ensinar o que é necessario faser para que a terra da desgraça se transforme em paraíso, para que uma nova era comece para o genero humano. »

Elle fallava, mas ninguem o escutava.

Já o clarim sôa, a revolta sopra, os castellos cahem, os altares são destruidos, e a corôa quebrada, deixando o povo triumphante. A Europa treme, e do seio da multidão sahe um herôe que devasta, e distribue corôas. A victoria paira sobre a França, o povo está alegre e satisfeito.

Então, disia o soldado do imperio ao velho, vês as aguias francesas como desprendem seus vôos do meio-dia ao norte, do oriente ao occidente; Vienna se curva a nossos pés; Berlin ao poder de nossos bravos; Moskou, a cidade capital dos Czars, abre as portas do Kremlin aos soldados franceses. Falla agora, teriamos visto todas estas cousas, si tivéssemos prestado ouvidos ás tuas palavras pacificas. Graças a nossas armas, a liberdade fará seu giro á roda do mundo.

O velho surriu-se amargamente, e ficou silencioso; elle via a mocidade arrebatada pela febre do enthusiasmo; conhecia que toda a palavra de sabedoria era perdida para elles; mas o soldado insistia, perguntando por que não se associava á alegria geral.

«Já vos disse, replicou este, vós sabeis queimar e destruir; porém não sabeis nem fundar nem conservar. Vossos triumphos são passageiros, e

« desapareceram como o gelo aos primeiros raios do sol.

O soldado ergue os hombros com ar de incredulidade, e teve piedade do velho.

Mas quando os reis desthronados reassumiram suas corôas, quando os vencidos se tornaram vencedores, e levaram captivo para uma ilha afastada o primeiro capitão do mundo, recordaram-se das palavras do sabio. Admirados da realisação das suas predicções, elles começaram a duvidar, e disiam: pôde ser que a guerra, a revolta e a effusão de sangue, não sejam os verdadeiros caminhos da salvação; e o velho conheça o verdadeiro caminho da felicidade.

Porém, antes de recorrer a elle, quizeram desthronar um rei imposto pelos inimigos. Juraram calcar aos pés a corôa restaurada. Orgulhoso do nome francez, feliz pelo successo obtido, o herôe de julho procurou o velho.

« Agora curva-te, disia elle; temos um rei popular, e uma verdadeira carta; o povo é livre e soberano; nenhuma potencia do mundo poderá destruir nossos direitos e nossa gloria. » — « Vai, vai, lhe torna o sabio, busca-me d'aqui a alguns annos, e me dirás si o povo é livre, si as massas são felises. »

(Continuar-se-ha.)



○ ROMANCE.

O romance, considerado como futi-
lidade por algumas pessoas graves, mas
cuja falta de bom gosto por isso mesmo
se denuncia, é entretanto o resumo
fiel dos habitos e costumes de uma
nação. Quantas vezes o philosopho impar-

cial embalde busca a verdade na histo-
ria, e vai encontra-la no romance? Mil
veses o historiador traça a seu geito
os factos, dá-lhe outra apparencia, or-
na-os de outras molduras; enquanto
que o romancista, parecendo entregue
todo á imaginação, descreve fielmente
os costumes da época, e apresenta em
seus quadros as virtudes e vicios do seu
tempo e povo; e deleitando, mais propen-
de á verdade do que á chamada histo-
ria. A historia com todos os fumos de
antiga aristocrata, apenas demora suas
vistas soberanas sobre altos casos. os
reis, suas victorias, desastres e politi-
ca: o romance, menos altivo, demo-
crata moderno, compraz-se com pou-
cas cousas, abraça a multidão, identi-
fica-se com o povo, e modesto segue a
indole e character nacional. No momen-
to o romance não parece interessar mais
que offerecendo sob véo diaphano e al-
legorico a pinctura dos homens e das
cousas. Esta pinctura porém é de muita
preciosidade para o conhecedor que a
sabe aproveitar: o observador que at-
tente com cuidado os romances dos di-
versos povos e edades, tirará muitas
vantagens para o conhecimento dos cos-
tumes, e alcançará o fio que lhe servirá
de guia no intrincado labiryntho do
coração humano.

Outra vantagem tambem vê-se no
romance, e é o desenvolvimento pro-
gressivo dos conhecimentos seguidos e
annotados na sua historia; por isso
que cada um romance, sendo o repre-
sentante das idéas que dominam o paiz,
e trasendo o cunho do seculo em que
foi composto, descobrirá dest' arte qual
a marcha que em sua viagem tem feito
certas crenças, quaes os paizes em que
foram adoptadas ou repellidas, e quaes
aquelles enfim em que ficaram natu-
ralisadas. Pelo alluvião de fabulas que

a cada passo encontramos nos povos, e de que se acham recheados os romances, convence-se facilmente do ascendente que o maravilhoso tem em todos os tempos exercido sobre os corações humanos, que, abraçando o falso, endeosando os ídolos, parecem ácinte desprezar a verdade e a exactidão.

A sátira tem em todos os tempos se estendido, desde o tugurio do pobre até o palacio do monarca: o templo e a taberna não escapam a seus dominios. Sempre houve, ha e ha de haver, vícios a combater, asneiras de que zombar, e excessos a reprimir: pelo romance com facilidade se descobre o grão maior ou menor de liberdade de que gosa o paiz; pois que o escriptor, tomando sempre medidas para descarregar sem prejuizo os golpes de que está armado, pelo claro-escuro que deixa nos quadros, e pela escolha das tintas, denunciado fica o grão de civilisação e liberdade do paiz, e a que prées ligavam o auctor.

O historiographo, todo occupado com reis, mortes, incendios e batalhas, apenas tempo tem de marcar-nos algumas dactas para certos acontecimentos politicos, enquanto que o romancista encarando menos vezes o senhor, e lidando sempre com o subdito assenhorea-se melhor da fisionomia da nação, entranha-se mais profundamente em suas querellas, lança melhor luz sobre a materia, e destarte nos mostra claramente o que se passa no tempo. Assim suas pinturas são mais vivas, suas relações mais esmiuçadas e verdadeiras, seus traços mais animados, e suas produções respiram actividade, força e vida; este estuda o homem em sua fisiologia, e garboso no-lo mostra em acção; aquelle porém enfadonho e monotono, sob

honorifico nome de historia, apresenta-nos sem graça um esqueleto, cujos ossos truncados, ligados á vontade offerecem as saliencias que o auctor quiz, e não as marcas da inserção dos musculos, trajecto de vasos, e outras que verdadeiras são e realmente existem.

Finalmente o amor, esse sentimento universal, tão variado em seu principio e effeito, como vasta a multidão que em seus fogos arde, reproduz-se a cada momento, e debaixo de mil fórmas nessas obras que nos enlevam e arrebatam.

Oh quanto é sublime o romance, descrevendo a mais bella e a mais horrivel das paixões! Oh como elle sabe esquadrinhar o coração humano, e tocar a seu praser a fibra da sensibilidade, do horror, do praser ou do respeito!..

Por um outro lado ainda o romance é de interesse ao philosopho: é quando em sua imaginação ardente, borbullhando de idéas de amor do seu paiz, o auctor traça um plano de educação, formula as normas a seguir na lei, e coordena um sistema de felicidade publica e nacional. Divino pensamento! Sonho consolador, que faz entrever um futuro mais brilhante! Engano, que deleitando o espirito nos embala o coração! Quanto o teu acordar é doloroso! O sabio se revê a cada pagina em tua obra; n'ella encontra suas idéas, suas luses, e rasão; o fraco encontra forças, e o timido confiança. Todos respiram um ar novo e salubre, percorrendo estes escriptos: conhecemos que não passa de mera fantasia, mas apraz-nos sua leitura, e como que nos sentimos mais ditosos e dispostos a pacientes seguir a dura carreira de vida; chegamos mesmo a pensar que os nossos filhos poderão vir em parte a gosar das venturas que

nos são ahí apresentadas. Honra aos genios ; gloria aos seculos, que os produzem. Si terminando , fosse-nos licito expor nossa opinião , francamente diriamos que pouca conta merece um auctor cuja mocidade não produziu um romance : esta falta denuncia pobreza de imaginação , e uma especie de esterilidade , a que se poderia chamar secura de pensamento , e frieza da alma ; porque para fazer soffrivelmente um romance , mister se faz talento , estudo das paixoes humanas , e si me permitem a expressão *espírito e commercio com as letras*. Mãos prosadores , poetas de agoa doce , amontoam palavras , e vão-se impando com ellas... Não é d'isso que eu fallo : Deus nos livre de perder com elles o tempo.



MAHOMET.

Uma leitura.

Cansado dos trabalhos do dia eu me recolhia , e em casa buscava o descanso ; eis que sobre a mesa deparo com um livro , cujas folhas ainda grudadas me designavam ter sahido ha pouco da typographia , e que em minha estante era novo : tomo a faca , e sofrego uma a uma separo as folhas ; ponho-me a ler : lagrimas brotavam meus olhos , e o pensamento de igual perda constringia meu coração , ao ler suas primeiras folhas ; era um filho que mandava uma saudade a seu fallecido pai : pouco a pouco fui serenando , e este penoso sentimento foi trocado por outro mais dôce e terno , os enlevos de uma mãe que amamenta o filhinho , e os afagos que em troca recebe da creança : pungente dôr veio magoar-me , lem-

brando-me de que nossas patricias não apreciam estes praseres. Oh quanto senti , como o poeta , que á estupidas Africanas fossem entregues nossas creancinhas ! Dido , apostrophando Enéas , deu-me a idéa de que algum dia os estrangeiros nos podem lançar em rosto termos bebido leite Africano !... Amor da patria ; bellas descrições ; moral sancta e religiosa ; amor ; paixão dôce e terrivel ; sentimento de praser , e de agonia , loucura que nos traz a mente aferrolhada e nos arrasta ; fogo que nos abrasa , e não consome ; tu ali te mostras bello e puro como a pomba , negro e faminto como o abutre .. Ah que o abutre devorou a pomba !... tudo ali deparei ; mas , ou fosse enlevo , ou cansaço , cabi em um estado que nem vigilia nem somno era ; chamar-lhe-hia melhor — extase —.

Senho.

Eu dormitava talvez , quando pronunciei Mahomet !.. Pareceu-me que o vencedor da Meca e da Arabia , o afortunado esposo das Houris se levantava diante de mim , e que com um ar magestoso , ainda mais realçado pelas roupas que trajava ; assim me dizia : — Que pretendes , mortal ? Para que do jasigo me fizeste surgir ?... Uma fisionomia augusta , olhar prescrutador , e a auctoridade que em seu todo se divisava , causaram-me acanhamento ; mas voltando da surpresa , forte lhe bradei : « *charlatão , impostor da annosa Meca* , para que te jactaste de ser descendente de Ismael ? Para que te erigiste em propheta , e enganaste os homens ? Eu esperei a resposta ; mas longe de um olhar altivo ou de desprezo , Mahomet brandamente surriu-se , e com o dedo mostrou-me um livro e

uma espada. O livro tinha-o elle em baixo do braço, e d'elle partia um raio de luz que se desferia para o Céu, como querendo annunciar que este livro estava cheio de Deus, de cuja potencia e gloria tinha sido pregoeiro: a espada estragada jasia aos pés do personagem que diante meus olhos via, marcando assim que detestando a guerra, elle se envergonharia de ser mister empregar o ferro para conduzir os mortaes á verdadeira crença, e fasê-los amar a virtude. No momento em que acabava de encarar o heróe, e que mil pensamentos em minha alma se deslisavam, Mahomet desapareceu, e uma voz semelhante á aquella que se fez ouvir no Sinay; uma voz de um ente invisivel, mas soberano que sujeita tudo; uma voz a cujo mando o chaos se separou e o mundo fez-se, veio ferir meus ouvidos:

« Não accuses, disse ella, um varão respeitavel, e que recebe os cultos de quasi meio mundo; elle destruiu a idolatria, evitou o latrocínio, tornou o homem melhor, conducindo-o aos seus deveres.

Sabes tu o que contém seu livro? lestes o Alcorão? ouviste suas doutrinas? Terás lido talvez; mas o que? aquillo que seus inimigos escreveram. A calúnia o tem pintado differente; a contraria seita o tem enchido de baldões, emprestado crimes, e dado novos acontecimentos á sua vida: mas pôde ella combater o respeito universal dos povos para um dos bemfeitores da humanidade? pôde ella se antepôr ao reconhecimento dos sabios? Preceitos muitos ainda hoje existem espalhados em todo o globo que a elle se devem; seu livro é todo cheio de sabedoria, de luses, e de amor publico: mister foi que elle se dissesse enviado do Al-

tissimo, filho de Ismael, descendente de Abrahão para ser acreditado. O homem no estado de barbaridade, e ignorancia em que então estava, não podia supportar que outro homem seu igual, e semelhante lhe dictasse a lei: só a auctoridade Divina era escutada; foi por isso que elle fez descer do Céu as ordens, que quiz intimar á terra; si o contrario fizesse ninguem as escutaria. Estuda pois seus preceitos, respeita e medita sua obra, e constricto arrepende-te de um dia teres blasphemado um grande homem.



INSTRUÇÃO PUBLICA.

..... um governo
Tem só por fito a publica ventura:
O que a mal presa, e em sonhos desvanêa.
Mentiu aos seus deveres.

(E. F. da Veiga. — *Ode à Liberdade*).

A leitura da Portaria do Ex.^{mo} Ministro do Imperio, dactada de 13 de agosto do corrente anno, e publicada no *Jornal do Commercio* de 25 do mesmo, mandando distribuir pelas escolas publicas de instrucção primaria da Côrte o cathecismo de *Fleury*, ultimamente tradusido para uso dos alumnos d'ellas, suggeriu-nos o desejo de alguma cousa disermos, a respeito de um objecto de tanta transcendencia, e que, infelizmente, em tão grande abandono tem existido entre nós até hoje. A exiguidade porém de nossa capacidade difficilmente poderá desempenhar tão util quão arduo trabalho; mas servirão as mal traçadas linhas, que ao acaso aqui lançamos para despertar quem com mais van-tagem publica sobre elle discorra.

E' sabido que a instrucção publica, (especialmente a primaria) tem sido e é em todos os estados livres o objecto da maior sollicitude de seus governos, e por certo que assim devêra ser, pois é ella, como a agoa do baptismo, a que habilita o homem a entrar na senda da felicidade. Ella é a porta principal por onde o homem tem de passar ao templo das artes, das sciencias, e da gloria: e quanto mais grandioso e sublime é o fim que tem a preencher na sociedade a instrucção primaria, tanto mais escandaloso e reprehensivel se torna o abandono, em que a vemos na nossa cara patria.

A medida porém do Ex.^{mo} Ministro, que dá origem a estas reflexões, nos faz esperar que elle levantará do abatimento em que jaz a instrucção primaria na Córte, que não no imperio, por isso que nas provincias é negocio este que, pelo acto addicional, estando affecto ás assembléas legislativas de cada uma, acontece que lá, ao menos na maior parte d'ellas, a instrucção primaria se acha em um pé muito mais lisonjeiro do que na Córte.... Oh! quem tal diria!.... Todavia, isto não deve surpreender-nos em demasia, porquanto, competindo á Assembléa geral legislar para o municipio neutro, acontece succederem-se sessões a sessões, legislaturas a legislaturas, sem que o tempo chegue para taes objectos; pois o vemos absorvido, não só em discussões de medidas de alta politica, mas tambem, (e desgraçadamente), em recriminações meramente pessoas que, só servindo de asedar os animos, concorrem fortemente para descredito do sistema de que por felicidade gosamos!.. Mas tornamos á nossa ques-

tão de que insensivelmente nos iamos desviando.

Uma lei (a de 15 de outubro de 1827), unica que sobre o assumpto existe, (pois como tal não pôde ser considerado o decreto de 15 de março de 1836), e essa mesma imperfeita não pôde por maneira alguma, satisfazer ás necessidades actuaes; a civilisação tem progredido extraordinariamente; e não será certamente uma lei feita ha 17 annos, a que esteja em harmonia com o espirito da época, quer no que diz respeito ao methodo de ensino, quer nas vantagens concedidas aos professores; vantagens que compensando-os da ardua fadiga de ensinar, os colloque em posição mais considerada, pois, seja dito de passagem, é a classe de Professores de instrucção primaria, aquella que vive hoje menos presada na sociedade brasileira!.... *Taes são as cousas deste mundo!*....

Ora, não somos nós tão levianos que não conheçamos as difficuldades com que terá de lutar o governo, quem quer que elle seja, que quizer uniformisar, em toda a accepção da palavra, a instrucção primaria; sendo porém esta uma necessidade tão imperiosamente reclamada, cumpre cortar por todos os obstaculos, e um meio nos occorre de tornar menos penosa, e mais regular uma tal missão, o qual com toda a franquesa aqui consignamos e é o seguinte:

Reunidos em congregação aquelles dos professores actuaes que melhores habilitações reunissem, confeccionariam um plano geral de instrucção primaria, baseado na experiencia, o qual, submettido ao alto conhecimento do governo, seria por elle modificado ou approvedo; em qualquer dos casos,

seria depois apresentado ao corpo legislativo, onde o Exm.^o Ministro do imperio, usando de sua benigna influencia, facilmente conseguiria uma medida de que tanta gloria lhe resultaria, e de que tantos beneficios colheria o paiz.

O que aqui levamos dito da instrucção publica estende-se tãobem á instrucção particular. Certamente causa dô ver um especulador qualquer, baldo de meios de subsistencia, collocar na frente de sua habitação um retabulo, onde com letras gordas faz escrever—*Collegio d'isto, d'aquillo, e mais d'aquillo*—; e sem titulo por onde mostre a sua habilitação para o ensino de taes materias, encarregar-se da educação de jovens, que ás veses sómente ali vão perverter os sãos principios da moral que seus pais lhes transmittiram! Alguns ha que, por estrangeiros e ha pouco aqui chegados, nem se quer podem faser-se entender na lingua que pretendem ensinar!... E são estes os homens a quem os nossos pais de familia, tão descuidados, confiam a educação de seus filhos!...

Além d'isso, a falta de uniformidade nos methodos e nos compendios adoptados nas differentes escolas é um mal immenso; pois tendo qualquer dos alumnos que as frequentam de passar de uma para outra, por mudança de residencia, ou por qualquer outro motivo, necessariamente terá de soffrer quebra na sua instrucção, emquanto se não familiarisar com o novo methodo e compendios seguidos na escola onde fór entrar. Ainda mais; quem sabe quaes os compendios por onde se ensina, n'esse sem numero de escolas, a doutrina christã? ! Foi, sem duvida, tendo isso em vista, que o Exm.^o Ministro mandou adoptar nas escolas publicas o cathecismo de *Fleury*, mas

sentimos profundamente que medida tão proveitosa não se fisesse extensiva a todos os compendios, e a todas as escolas do imperio, quer publicas, quer particulares.

Longo vai já este artigo que aqui terminamos, reservando para outro o muito que nos resta a dizer sobre um objecto, que tão de perto affecta a vitalidade e melhoramento da sociedade brasileira.



THEATRO.

COMPANHIA DE CANTO.

Bem que pouco amante somos de assistir as repetições dos mesmos espectaculos, especialmente quando elles se tornam enfadonhos, com tudo na terça feira 27 do mez p. desejando passarmos uma noite de distracção, dirigimo-nos ao Theatro de S. Pedro de Alcantara para assistirmos a opera — *Belisario*, e si nos é permitido exprimirmos nossa fraca opinião diremos que a todos devia agradar a sua execução.

A Snr.^a Deperini parece que tem feito mais algum estudo, por isso que melhor tem desempenhado os seus papeis, e n'esta occasião não deixou de satisfazer aos nossos desejos, principalmente no final, que mais que tudo nos agradou.

Excitados tão bem pela curiosidade de vermos, si a melhoria da execução das operas Italianas iria em progresso, fomos na sexta feira á representação da — *Anna Bolena*, e certamente não podemos deixar de confessar que a opera esteve brilhante, e a sua execução sublime. Todas as personagens mostraram seus talentos, e sa-

tisfatoriamente desempenharam seus papeis, sobre tudo a Snr.^a Candiani, que esteve tão boa em seu canto que seria imprudencia exigir-se mais d'ella.

A Snr.^a Deperini se torna digna de nossos louvores pelo muito que se esforçou para o bom desempenho da sua parte, principalmente no romance aonde a ouvimos cantar como nunca. O Snr. Grazziani desempenhou optimamente o papel de Perci, e o Snr. Fiorito no de Rei fez-nos conhecer sua habilidade. Finalmente d'esta vez a Companhia Italiana esmerou-se em apresentar-nos um divertimento, que não nos enfadasse, e esforçou-se para executa-lo: continue ella a trabalhar sempre assim que os seus esforços serão coroados com applausos geraes, e todos concorrerão para sua sustentação, e augmento. Nós certamente desejamos ter sempre occasião para endereçarmos-lhe nossos elogios pelos espectaculos, que apresentar, aonde todos encontrem bella distracção, e não *enfado e aborrecimento*.

COMPANHIA DO SNR. L. MONTANI.

Apesar de que deviamos com mais minuciosidade, segundo a nossa promessa, tractar acerca da Companhia de baile do theatro de S. Francisco, com tudo por ora pouco diremos, e nos aguardamos para depois do beneficio do Snr. Caton. Estamos esperançados que o povo, que tão pouca indulgencia teve com o Snr. L. Montani, e que em numero diminuto foi ao seu beneficio, o mesmo não practicará

com o Snr. Caton, que será mais feliz e terá grande concurrencia no seu espectáculo de amanhã. O Snr. Caton tambem merece a attenção de todos, já pela sua habilidade, já pelo seu procedimento. Quando outros, em quem só domina a cubiça do ouro, e a inveja dos bens alheos, procuraram por todos os meios de *baixa adulação*, e *vil intriga* deprimir a reputação do Snr. L. Montani, e como seus contendores se apresentaram em campo, até que por fim conseguiram affasta-lo das vistas do publico, e reduzi-lo quasi á miseria; o Snr. Caton não desamparou o seu velho companheiro, e sempre a seu lado o animava com a doce esperanza de que algum dia o povo do do Rio de Janeiro se desenganaria, e então elle mais ufano poderia tornar a apparecer; porém que frivola esperanza! A desgraça do nosso paiz chega a tal ponto, que se confia uma administração de responsabilidade, e que exige capacidade moral e intellectual, a homens, que só sabem fanfarronar de entendidos, fomentar intrigas e practicar acções improprias dos lugares, que occupam. O Snr. L. Montani foi uma das victimas d'estes, e quasi por elles foi arrastado á indigencia. Elle hoje se achá com o Snr. Caton no theatro de S. Francisco; ambos olharam com indifferença os innumerados obstaculos, que se lhes antepunham, e ajudados um pelo outro hão de progredir na sua empresa: ex-

forcem-se elles por dar-nos agradaveis divertimentos que seus trabalhos serão bem recompensados, e venturosos hão de recuperar sua antiga reputação, e então nós satisfeitos veremos seus inimigos se rangerem de raiva por vê-los ter ganho a affeição do publico.



Pedra a quem toca.

Tu que das sciencias tens o *sceptro*,
Recebe os votos do meu fraco *plectro* :
Não posso te cantar com divo *metro* ;
Mas a tua attenção submisso *impetro*
Na causa que por ti hoje *perpetro*.
Das tuas perfeições me *compenetro* ;
As masellas alhêas já *penetro* ,
Pois que em tudo és *in cunctis Petro*. (*)
Da lisonja servil não venha o *espectro*
Seus bafejos lançar : sim vade *retro*
P'ra longe da adulação o canto *tetro*,
Que eu canto o filho da sublime *dea* ,
De forte, terrifica, estupenda, *idea* ,
Que o coração e a mente *senhorêa* ,
E de quem o mundo sabio se *arrecêa*.
Qu' é moderna Ariadne, cuja *têa*
Guia os mortaes na litteraria *estrêa* ;
Dos factos prevendo na *cadêa* .
Inglesa filantropia *desenlêa* ,

(*) Perdoem que é força de consoante. A proposito: um poeta Fluminense fazendo um soneto ironico aos celebres homens do seculo XVIII., disia :

Rousseau era sombrio, um patarata,
Voltaire foi mais pedante que o *Barata*.

Este, que era um exquisito mestre de primeiras letras da Freguesia de S. José, e conhecia o poeta, queixou-se-lhe de assim ridicularisalo: não se afflija, meu amigo, foi força de consoante: tenha paciencia.

Tenham tão bem pois os leitores paciencia com o *Petro* em lugar de *Petrus*, que foi força de consoante.

Qual é, qual foi, qual no futuro *vê-a*,
No-la-mostra avida, famelica, *se-a* .!!
Mas de canção não sei como *lêa* ,
Quando dos *trovistas* indo na *vêa*
Dá por *filantropia* pagina e *mêa* !!
Tanto não fasem os taes *trovistas* ,
Poetastras consoanteiros , *versistas*
Com *Italia* , *Thulia* , *Asia* , *fantasia* ,
Peito , *perfeito* , *norte* , *morte* , *ousadia*.



RIO DE JANEIRO

ORDEM DO DIA

Nada de novo.

(Assignada)

A BORBOLETA.



O Gallo e o Pavão.

FABULA.

Altivo pavão inchando
Ostentava ao Sol a cor,
Consigo mesmo pensando
Ser das aves o primor ;
Diz-lhe o Gallo ali passando :
— Sou um seu venerador —
Mal a cabeça abaixou.
— Talvez me não conheceu —
Eis o que o Gallo pensou.
— Amigo, olhe, fui eu
Quem n'o comprimou —
Nem caso não respondeu.
Enraivado o Gallo exclama :
— Emprôa-se á minha vista
Oh Snr. pernas de lama?!...
Nem ao menos o contrista
Ter vermelha, e negra escama?!.

Nem palavra abaixa a crista
 O Pavão, fuge e se escama.
Ha tantas apavonados.....
Que dizer-lhes? só coitados!...
Porque tem pequena prenda
Julgam-se pessoa rev'renda:
Talvez lhes seja a licção
Proceitosa do Pavão:
Que a prôa, que é fraca, recua,
P'ra os podres seus não ver na rua



O homem que vive na opulencia parece que sempre deve estar possuido de extraordinaria alegria; porém quantas veses elle não se desespera, e deseja trocar a sua sorte pela do miseravel!

O que é falta de meios, é pobre; porém o que é falta de idéas, mais pobre é.



ANECDOTAS.

Tractando-se em uma roda acerca da *Borboleta* houve alguém que bondosamente dissesse, que era um periodicosinho que entretinha: não diga isso, *replicou um entendedor*, não presta para nada; ainda no 2.º numero trouxe um elogio a Portugal que *a gente não sabia si era prosa ou verso*. Então, tornou-lhe o outro, o Snr. não distingue pelo ouvido a prosa do verso? Essa é boa, respondeu dando uma gargalhada, que *tem o ouvido de novo para se conhecerem os versos, meu amigo?* não diga isso em boa companhia, porque *em regra* da arte o verso só se

distingue da prosa pelo *tamanho das regras*.

Em certa occasião que um parente aconselhava a umas meninas para que se portassem menos casquilhas, e fossem mais prudentes e cautelosas, evitando assim dar que fallar de sua honra; disse-lhe uma d'ellas, toda se espevitando. Ora, Snr., deixe-se d'isso, neste tempo ninguém se occupa mais com defunctos.

Um sujeito fallando com o redactor da *Borboleta* pediu-lhe encarrecidamente que fizesse publicar uma charada sua no numero que estava para sahir, e como este se recusasse a isso por já haver materia sufficiente; acrescentou elle, — está bom, Snr. R., veja si a pode faser imprimir no numero *antecedente*.

Achando-se certo individuo n'uma casa, aonde haviam Senhoras de muita consideração, e reparando uma das Snr.^{as} que elle se achava em um canto da casa, isolado de toda a Companhia, disse-lhe cortezmente— então, Snr. F., está tão sosinho?... Respondeu-lhe elle todo risonho— nada, minha Snr.^a, *antes só do que mal acompanhado*.

Uma joven muito bella e attractiva, uma occasião estava em sonhos nos braços de seu amante disfructando as delicias de amor, e quando muito

attenta o ouvia cantar ao som de bem afinada cithara, eis—que acorda de repente com a bulha de uma gata, que, por motivo de ter parido, miava incessantemente debaixo de sua cama com os recém-nascidos gatinhos.



SONETO

a um *Cujo*.

Não sabes em que tuas Musas matas,
Oh meu de meia cara máo poeta,
O teu furor injurias acarreta
Contra quem te mostrou iniquas faltas :

Deixa, amigo, de montadas altas,
Pois que o nome só gosa de pateta,
O que do Pindo não tocando a meta
De Pegaso, coitado! lambe as patas.

Os que disem que tens curiosidade,
Com o que te deixam muito satisfeito,
De certo vos não tem por amisade.

Ouve da sã rasão um bom conceito,
Os teus versos que li, fallo a verdade,
E' prosa sem sentido em verso feito.

Lá vai verso!

Va se embóra Snr. Cupido,
Não estou mais p'ra o aturar

GLOSAS.

Tanto segredo ao ouvido
Sempre tem que me diser,
Ja não o posso soffrer,
Vá se embóra Snr. Cupido,
Não faça o nariz torcido,

O melhor é se calar,
Bata as asas vá p'ra o ar
Desempache já o bêco,
Ande, ande seu tareco,
Não estou mais p'ra o aturar

P'ra que veio tão lambido
Commigo aqui se metter,
Hoje não ha que faser,
Vá se embóra Snr. Cupido.
Sempre é muito entremetido,
Quer com todos palestrar,
Tenho mais em que cuidar,
Não posso fallar lhe agora,
Ponha-se ja d'aqui fóra,
Não estou mais p'ra o aturar

Que lucros tira quem ama.

GLOSA.

Passar as noites baldadas
Pelas ruas como estulto,
Expondo seu pobre vulto
A levar quatro páoladas:
Recolher ás madrugadas
Cheio de tristesa e lama,
Sem nunca deitar em cama,
Nem para comer ter horas;
Eis aqui, bellas Senhoras,
Que lucros tira quem ama

Foi recrutado Cupido,
Sentou praça de Soldado.

GLOSA.

Sahiu Amor de Gnido.
Veio ao mundo passear

E por n'elle se encontrar
 Foi recrutado Cupido;
 Porém o Deus offendido
 De se ver assim tractado,
 Prometteu de vir armado
 Com setta aljava e carcás;
 Não valeram rasoés taes,
 Sentou praça de soldado.

O nariz do *Bacalhão*
 Não ha quem possa torcer.

GLOSA.

N'um corpo de picapáo,
 N'uma cara de fim-fim
 E' d'este tamanho assim
 O nariz do bacalhão.
 Inda é mais duro que um páo,
 Nada o faz amollecér;
 Nem que o hotem a ferver,
 Ao mesmo fogo se dobra,
 E' veneno como cóbra,
 Não ha quem possa torcer.

EPIGRAMMAS

Eu conheço um professor
 Mas não é d'este paiz,
 Que é poeta, e prosador,
 Que em toda a materia diz:
 De sabio o nome merece;
 Tem sciencia de livreiro,
 Dos livros todos conhece
 O frontispicio, o letreiro.

E' tollo, é basbaque, é paspalhão,
 Em seus habitos torna-se exquisito,

E além de em figura ser mosquito
 E' bobo, é pateta, é tolleirão.



ANNUNCIOS.

Tendo em muito apreço as letras
 que nos dirigiu a Snr.^a D. Margari-
 da, e desejando darmos-lhe uma
 prova da consideração que nos merece,
 rogamos a essa Snr.^a queira ter a bon-
 dade de nos remetter uma outra carta,
 indicando-nos sua morada para certas
 explicações.

Os Snrs. Novo Ramo de Industria
 e Companhia, chegados ha pouco do
 paiz da Ignorancia, tendo algumas
 horas vagas até á meia noite, (depois
 da qual principiam seus giros para ou-
 tro genero de negocio), offerecem
 os seus prestimos ao respeitavel publi-
 co para a redacção de algum periodi-
 co joco-serio-moralista. Actualmen-
 te moram no morro do Nheco, aon-
 de podem ser procurados.

A BORBOLETA aceita todos os
 artigos que lhe forem remettidos pelos
 seus assignantes, vindo elles garan-
 tidos com a firma dos seus auctores,
 embora sejam de nenhuma responsa-
 bilidade. Ella aproveita a occasião para
 agradecer áquelles Snrs., que a tem
 honrado com a remessa de algumas
 charadas, as quaes já se acham publi-
 cadas com as competentes notas.



ENIGMA (*)

Na Corte faço a principal figura,
 Não sou agoa, terra, nem sou ar,
 Que sou fogo não o deveis acreditar,
 Animal também não sou, nem creatura.
 Bem que sou indispensavel na cultura,
 Não posso estar do cravo separado,
 Pois sendo em casa e no campo procurado
 Do centro de Macão me vês surgir,
 Para culpas e crimes exprimir,
 A final estou no Céu, não sou salvado.



Logogripho.

Si a primeira me repetes,
 Então se pôde comer,
 A segunda co'a terceira
 Nunca cessa de correr.

A quarta indicando longe
 Muitas vezes é bem perto,
 A quinta, si for um cego,
 Dará trabalho de certo.

Contra a minha patria, ardendo em raiva,
 Com furiosa insolencia accommetia,
 E á preces algumas não cedendo,
 Luctar com os Romanos pretendia.

Já com as armas na mão corria altivo
 Quando aquella, que propria deu-me o ser,
 As armas ordenou que eu deposesse,
 E que a patria não fosse combater.

Hupvillado a sua voz, ouvi attento,
 E obdiente lhe fui, depuz as armas.

(*) Foi nos remettido este enigma por um
 nosso assignante, para ser impresso neste
 numero.

CHARADAS.

1.^a

Por mim suspira o amante
 Quando marcada me tem -- 2
 Quem anda, me ouvindo, volta,
 Ou não faz caso também -- 2

Conceito.

De huma ponte a entrada eu só
 Nobremente deffendi,
 Por perder n'ella huma vista
 Novo nome adquirir.

2.^a

O que faz o bello sexo }
 Sobre o peito dos humanos? } 3

E qual é o sentimento }
 Com molestia em muitos annos } 1

Conceito.

Si como um Tito
 Tal se encontrar,
 Feliz o povo
 E' que o gosar.

3.^a

Sou parte de uma estatua, não de um busto. 1
 Assim fica o telhado após a chuva. 2
 Si a trovoadá encaraís, porém sem susto, }
 Vereis que dentro em si ella me encerra. } 1

Conceito.

Ao som da minha voz a morte segue
 Bem de perto na caça é mais na guerra.

4.ª

Será mui feliz a parte }
 Que a causa sabir-lhe assim. } 1
 Vê a figura da Italia }
 Dá o principio p'ra mim } 1

Conceito.

Feliz do réo innocente
 Que um Juiz como eu tiver ,
 Embora imputem-lhe crimes ,
 Por força livre ha de ser.

5.ª (*)

Devo estar em muitas partes }
 Tem-me o indigente, o indignado, } 1

Desempenhar não me pôde }
 Quem de mim ficou privado. } 1

Si uma vogal augmentasses }
 Seria feliz vivente, }
 Que por vontade de Deus } 1
 Escapou a grande enchente }

Conceito

De todos é detestavel
 O tempo meu procelloso ;
 Na Europa principalmente
 Sou bastante rigoroso

O enigma do num , 2.º é—Pulga—.
 O logogripho é — Logogripho — As
 charadas são : 1.ª — Camarão — 2.ª
 — Facada — 3.ª — Macella.

(*) Tivemos a honra de receber esta charada de um dos nossos assignantes, a quem agradecemos as lisongeiras expressões com que nos mimoseou, e o apreço que lhe merece este periodico.

UM ACONTECIMENTO.

Consta-nos que o Snr. José de Miranda Marques, negociante morador na rua dos Ciganos, foi um dia d'estes pisado por um dos cavallos dos que são ensinados no largo de S. Francisco de Paula pelos piões do Snr. Major, e que soffrera uma grave fractura na perna direita, ficando alem d'isto perigosamente ferido na cabeça. Si tal aconteceu lastimamos muito a sorte do Snr. Miranda, e tãoem lastimamos que até o presente não se tenha dado attenção ao que praticam os cocheiros e piões com as bestas e cavallos que ensinam n'aquelle largo, expondo a vida de todos os que por ali transitam. Pedimo pois ás auctoridades competentes lancem suas vistas para este facto, e prohibam que continuem taes abusos.

MOVIMENTOS DO PORTO.

Sahidas.

Para S. Julião com escala pela Lage, e outras fortalezas—Esc. commercial — Algoz — M. Um escrivão — Tons. 1 1/2 —Carga — Cordas e páos para construir-se um edificio publico. Passags. 6 individuos com calceta nos pés, e ferro ao pescoço.

Para Africa — A Barca de Vapor — Talvez Peguem as Bichas — M. Olho Vivo — Tons. 2 1/2 --- 3/4 — Carga — Trapos velhos, missangas, espadas ferrugentas, etc. — Passag. — Não Teme Inglez, Bom Modo de Vi-ver, 712 Especuladores conduzindo uma porção de raridades.